

Ensinando História Honestamente

A interpretação de um artista sobre Colombo "descobrimo" a América.

Imagine que os itens abaixo façam parte de um teste de verdadeiro ou falso. Como você responderia às seguintes declarações sobre a História Americana?*

V F "Ao ousar velejar em direção ao Oeste em 1492, esperando chegar às Índias, Cristóvão Colombo estava desafiando a crença prevalecente em seus dias de que a Terra era achatada."

V F "Os pais fundadores (americanos) criam na democracia."

V F "No livro *A Cabana do Tio Tom* (1852) de Harriet Beecher Stowe, o personagem principal foi retratado como um velho escravo manso, submisso e servil."

V F "Depois da Primeira Guerra Mundial, Henry Cabot Lodge liderou a luta no senado americano contra a Liga Nacional de Woodrow Wilson principalmente porque ele era um 'isolador' que se opunha fortemente ao envolvimento dos Estados Unidos nas guerras"

**Nota do Editor Associado: Este excelente artigo foi escrito tendo em mente o leitor norte-americano. Nós o convidamos a lê-lo e a olhar aos princípios gerais explicados no artigo porque são internacionais e úteis para qualquer país e cultura. Ao fazer uma apresentação talvez você tenha que usar exemplos locais e nacionais, tornando-o mais fácil de ser compreendido na realidade de seu país.*

estrangeiras."

V F "Harry Truman estava na obscuridade quando o presidente Roosevelt o escolheu como parceiro de corrida política em 1944."

Apesar de cada uma das declarações acima ser falsa, muitos alunos vêm para as aulas de História acreditando que são verdadeiras e esses conceitos freqüentemente aparecem como "fatos" em livros didáticos. Tais informações erradas são apenas a ponta do iceberg. Assuntos mais sérios envolvem a negligência de aspectos inteiros da História, tais como a história da colonização espanhola do Sudoeste americano, ou a distorção da História passada para favorecer um grupo ou nação, como quando os professores deixaram de argumentar os efeitos do apoio americano para ditadores anti-comunistas como o xá do Irã. Na realidade, nós professores que permitimos aos alunos serem inquestionavelmente dependentes dos livros didáticos, podemos sem querer estar perpetuando a versão da História que pouco tem a ver com a realidade.

Crítica dos livros didáticos

Nas últimas décadas, indivíduos ou grupos representando uma variedade de

organizações e perspectivas têm examinado livros didáticos usados em aulas de História no ensino médio. Surpreendentemente eles têm chegado à conclusões negativas. Avaliando tanto livros didáticos americanos como ingleses durante a década de 1960, um grupo de historiadores proeminentes liderados por Ray Allen Billington, estudioso distinguido do Oeste america-

Contar a verdade sobre a História é uma obrigação moral que requer esforço.

no, concluiu: "A repetição de 'meias-verdades' e a persistente monopolização do crédito para o país do autor, criam no leitor a impressão de uma nação invencível, eternamente correta, triunfante e superior a seus vizinhos."²

Durante os anos 1970, uma organização preocupada com a maneira de retratar os grupos étnicos concluiu que "a perspectiva que domina os livros didáticos sempre foi a do homem branco de classe alta" e ao incluir informação sobre minorias, os livros raramente apresentam a "perspectiva das pessoas

Gary Land

descritas”.³ Pouco tempo depois, Frances FitzGerald, cujo trabalho anterior sobre a guerra do Vietnã ganhou vários prêmios, observou em um livro vastamente lido que “o mercado define limites para o poder dos editores de contar a verdade”. Conseqüentemente, “O que um livro didático reflete é então uma concessão, uma América esculpida e polida pelas pressões de constituintes e grupos de interesse distintos”.⁴

O surgimento dos Direitos Religiosos nos anos 1980 criou novos desafios para os editores de livros didáticos. Paul C. Vitz, professor de psicologia da Universidade de Nova Iorque, argumentou que um “estado mental liberal e secular” tinha excluído “religião, valores familiares tradicionais e posições econômicas e políticas conservadoras... dos livros didáticos infantis”. Para ser mais específico, ele disse que nenhum dos livros que examinou “reconhecem a continuidade dos movimentos evangélicos e de reavivamento através da História americana desde o período colonial” e que davam pouca atenção tanto a católicos como a judeus.⁵ Por volta da mesma época, Paul Gagnon, professor de educação da Universidade de Massachusetts, pesquisou textos de História para a Federação Americana de Professores. Ele observou que os textos eram “ao mesmo tempo muito e pouco detalhados: Muito detalhados porque tentavam mencionar um pouco sobre tudo; e pouco detalhados porque deixavam de desenvolver a fundo assuntos importantes.” Além disso, “eles são fracos no que se refere à História econômica e intelectual, ao nosso lugar no mundo mais amplo e à importância de caráter e ações individuais”.⁶

Mais recentemente, um representante do método educacional “teoria crítica” concluiu que “as lições escolares de História do passado representavam o que as pessoas no poder e seus aliados educacionais desejavam passar para os jovens, tudo em nome da objetividade histórica, pensamento crítico e educação cívica”.⁷

Alguém poderia pensar que depois de toda essa crítica, os escritores e editores de livros didáticos teriam acertado as coisas, mas em 1995, James Loewen, professor de História da Universidade de Vermont, observou: “O estudo de 1979 por Frances FitzGerald, *America Revised* (*América Revisada*), foi um bestseller, mas não causou impacto sobre a indústria.”⁸ Muito do problema surge do

Como os professores chegam até as “verdades” da História? Como podem saber se a História apresentada em um livro didático ou mesmo em suas aulas na faculdade está correta?

processo de produção de livros didáticos. FitzGerald observara: “Hoje, textos são escritos ao contrário ou do avesso, começam com a demanda pública e terminam com o historiador.”⁹ Mais de 15 anos depois, Loewen encontrou os mesmos problemas: “Livros didáticos de História estão em uma posição muito diferente em relação à matéria de História do que a maioria dos livros didáticos está em relação às suas respectivas matérias. ‘A sociedade’ determina o que entra nos livros didáticos de História.”¹⁰ Como resultado, os livros didáticos distorcem a História de várias maneiras.

Apesar de estar falando sobre livros didáticos ingleses e americanos, a categorização de Billington continua sendo útil: (1) “Bias by Inertia” (Preconceito por Inércia) apresenta informação e interpretações desatualizadas; (2) “Unconscious Falsification” (Falsificação Inconsciente) enfatiza o que é bom sobre um país; (3) “Bias by Omission” (Preconceito por Omissão) tende a ignorar fatos e interpretações desfavoráveis; (4) “Bias in the Use of Language” (Preconceito no Uso da Língua) usa palavras que favorecem um lado mais que o outro; e (5) “Bias Through Cumulative Implication” (Preconceito Através de Implicações Cumulativas) sugere que a nação da pessoa ganhou todas as guerras e inventou todas as novas tecnologias.¹¹ Como Loewen indica, os problemas com os livros didáticos de História americana freqüentemente começam com títulos famosos: *The Great Republic*, *The American Way*, *Land of Promise*, *Rise of the American Nation*.¹²

Estes problemas não estão limitados a retratos americanos da História. O estudo de Billington, por exemplo, encontrou

preconceito tanto em livros didáticos americanos como ingleses. A União Soviética alterou fotografias e periodicamente reescreveu sua História de acordo com as mutantes demandas políticas.¹³ E recentemente, um oficial nativo declarou: “Todas as referências em livros de História que ferem o sentimento de pessoas de qualquer classe social, religião, região ou idioma serão removidas. Não será permitido às escolas ensinar História que fere o sentimento de nosso povo.... Eu quero que os livros de História contenham apenas o que é aceitável a todos.”¹⁴

Sendo que a história de uma sociedade está intimamente ligada a assuntos de identidade e propósito, todos os relatos históricos envolvem preconceitos. Os livros didáticos em particular estão sujeitos à pressão social. Conseqüentemente, os professores precisam abordar suas matérias criticamente.

A necessidade de contar a verdade

O problema da História verdadeira deve preocupar os historiadores e cristãos pelo menos por duas razões. Primeira, como cristãos, temos a responsabilidade moral de falar a verdade tão bem quanto podemos. Como aqueles que vieram antes de nós eram igualmente criaturas criadas à imagem de Deus, eles merecem ser representados tão corretamente quanto possível. As palavras de Jesus são instrutivas: “Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.” Mateus 7:2, ARA. Aplicando Suas palavras à História, poderíamos dizer: “Pois da mesma forma que se lembrar dos outros, você será lembrado.” A declaração de Cristo “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39) oferece orientação se percebermos que o nosso “próximo” inclui tanto nossos antecessores como nossos contemporâneos.

Segunda, já que a História faz uma contribuição importante para a educação cívica dos jovens,¹⁵ é importante que os alunos recebam conhecimento correto do passado. Se suas decisões futuras como cidadãos forem baseadas em mitos, meias-verdades e mentiras aprendidas na aula de História, essas decisões serão malfeitas e talvez até mesmo perigosas. “Os alunos necessitam de uma educação honesta e rigorosa”, Gagnon argumenta, “que os permita penetrar a retórica orwelliana e corretamente comparar

reivindicações e realidades de nossa própria sociedade e de outros.”¹⁶ Loewen faz uma colocação semelhante:

“A História é importante para a constante compreensão de nós mesmos e da nossa sociedade. Precisamos produzir americanos de todas as classes sociais, bagagens étnicas e de ambos os sexos que controlem o poder da História — a habilidade de usar a compreensão de uma pessoa sobre o passado para inspirar e legitimar as ações de uma pessoa no presente. Então o passado irá informar de maneira séria os americanos como indivíduos e como nação, em vez de servir como fonte de clichês maçantes. Os produtos dos cursos bem-sucedidos de História americana conhecem fatos sociais básicos sobre os Estados Unidos e compreendem o processo histórico que deu forma a esses fatos. Eles podem localizar a si mesmos na estrutura social e conhecem algumas das forças sociais e ideológicas que têm influenciado sua vida. Tais americanos estão prontos a se tornar cidadãos porque entendem como realizar mudanças em nossa sociedade. Sabem como verificar declarações históricas e desconfiam de ‘verdades’ típicas. Podem refutar a acusação de que a História é irrelevante, porque percebem maneiras em que o passado influencia o presente, incluindo seu próprio presente.”¹⁷

Embora ambos os autores estejam escrevendo especificamente sobre História americana, seus argumentos não são menos aplicáveis à História de outros países, do mundo e da igreja. Como a declaração de Loewen sugere, contar a verdade sobre a História requer não apenas exatidão de fatos, mas também atenção às experiências e perspectivas de diferentes pessoas. Não podemos mais focalizar apenas a elite política e social; uma História equilibrada deve incluir, entre outras coisas, a classe trabalhadora, grupos étnicos minoritários e mulheres. O professor cristão deve acrescentar a esse triunvirato (freqüentemente chamado “classe, raça e sexo”) os assuntos freqüentemente negligenciados de religião e de grupos religiosos minoritários. História honesta requer, além disso, atenção às estruturas que lentamente se modificam (isto é, sistemas social, econômico e político) que ajudam os alunos a compreenderem processos contínuos em vez de “eventos” que tendem a dominar a maior

parte do pensamento histórico. Finalmente, a História honesta analisa a função dos valores e crenças dos historiadores ou professores ao reconstruir o passado. Nossos alunos precisam compreender por que pessoas de conhecimento geralmente discordam em seus registros sobre o passado e como criticar eficientemente as interpretações que variam.¹⁸

Contar a verdade sobre a História é uma obrigação moral que requer esforço. Como cristãos comprometidos a ensinar bem nossos alunos, não devemos ser como aqueles professores de Indiana sobre quem uma pesquisa “revelou que menos de um em cinco se atualizam através da leitura de livros ou artigos sobre a História americana”.¹⁹ Precisamos demonstrar às nossas classes que História não é uma coleção rotineira de fatos, mas uma história de muitas faces cujo significado é muito contestado e portanto aberto para descoberta contínua e exame crítico. Embora o desafio seja grande, o professor de História hoje em dia tem à disposição inúmeros recursos que lhe tornam possível ir além dos livros didáticos e da sabedoria convencional em busca de uma compreensão mais ampla e exata do passado. O trabalho exigido para incorporar esses materiais e idéias em nosso ensino trará suas próprias recompensas — incluindo alunos com mais conhecimento, e possivelmente, mais interessados e um sentimento de certeza de que estamos fazendo o melhor trabalho possível em comunicar o passado a uma nova geração.



Dr. Gary Land é diretor do Departamento de História e Ciências Políticas da Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan. EUA, e autor do livro Teaching History: A Seventh-day Adventist Approach (Andrews University Press, 2000).

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Paul F. Boller, Jr., *Not So! Popular Myths About America From Columbus to Clinton* (New York: Oxford University Press, 1995), págs. 3, 35, 66, 86 e 144. Boller analisa as fontes destas e outras crenças, bem como a evidência que revela seu caráter mítico.
2. Ray Allen Billington, et al., *The Historian's Contribution to Anglo-American Misunderstanding: Report of a Committee on National Bias in Anglo-American History Textbooks* (New York: Hobbs, Dorman & Co., 1966), pág. 101.
3. Council on Interracial Books for Children, *Stereotypes, Distortions, and Omissions in U.S. History Textbooks* (New York: Racism and Sexism Resource Center for Educators, 1977), pág. 125.
4. Frances FitzGerald, *America Revised: History Schoolbooks in the Twentieth Century* (Boston: Little, Brown and Company, 1979), págs. 28, 46 e 47.
5. Paul C. Vitz, *Censorship: Evidence of Bias in Our Children's Textbooks* (Ann Arbor, MI: Servant Books, 1986), págs. 1 e 57.
6. Paul Gagnon, *Democracy's Half-Told Story: What American History Textbooks Should Add*, A Publication of the Education for Democracy Project (Washington, DC: American Federation of Teachers, 1989).
7. John Marciano, *Civic Illiteracy and Education: The Battle for the Hearts and Minds of American Youth*, Counterpoints: Studies in the Post-Modern Theory of Education (New York: Peter Lang, 1997), pág. 26.
8. James W. Loewen, *Lies My Teacher Told Me: Everything Your American History Textbook Got Wrong* (New York: New Press, 1995), págs. 4 e 5.
9. FitzGerald, *America Revised*, pág. 69.
10. Loewen, *Lies*, págs. 286. FitzGerald, *America Revised*, págs. 20-47, e Loewen, *Lies*, págs. 265-279, explicam extensivamente o processo de escrever, editar e adotar livros didáticos de História americana.
11. Billington, et al., *Historian's Contribution*, págs. 94-101.
12. Loewen, *Lies*, pág. 3.
13. Ver Ernst Breisach, *Historiography: Ancient, Medieval & Modern* (Chicago: University of Chicago Press, 1994), págs. 350-352.
14. “Pundits, Mullahs Will Decide What Is History”, *Asian Age* (4 de dezembro de 2001), pág. 1. Eu gostaria de agradecer a Beverly Rumble por ter chamado a minha atenção para esse artigo.
15. Para um exemplo, ver Gagnon, *Democracy's Half-Told Story*, págs. 15-22. Ver também Paul Gagnon, ed., e a Bradley Commission on History in Schools, *Historical Literacy: The Case for History in American Education* (New York: Macmillan Publishing Co., 1989).
16. *Ibidem*, pág. 164.
17. Loewen, *Lies*, pág. 312.
18. Menciono brevemente o assunto de verdade histórica em *Teaching History: A Seventh-day Adventist Approach* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2000), págs. 25-37. Para maiores informações, ver Joyce Appleby, Lynn Hunt e Margaret Jacob, *Telling the Truth About History* (New York: W. W. Norton, 1994), págs. 241-270, e Richard J. Evans, *In Defense of History* (New York: W. W. Norton, 1999), págs. 193-220.
19. Loewen, *Lies*, pág. 280.